



ENTRE A PALAVRA E O AFETO: MEMÓRIA, DOR E FORMAÇÃO DO SUJEITO EM *VERMELHO AMARGO*

BETWEEN WORD AND AFFECT: MEMORY, PAIN AND SUBJECT FORMATION IN *VERMELHO AMARGO*

Gladison Luciano Perosini¹

RESUMO

Este artigo analisa a obra *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós, a partir da articulação entre linguagem literária, memória afetiva e constituição subjetiva. Parte-se da compreensão de que a literatura constitui um espaço privilegiado para a elaboração simbólica da condição humana, especialmente no que se refere à dor, à perda e à constituição ética do sujeito. De natureza qualitativa e caráter interpretativo, o estudo realiza uma análise textual e hermenêutica da obra, mobilizando aportes da teoria literária, da filosofia da linguagem e da educação. A análise evidencia que a narrativa de *Vermelho Amargo* produz um deslocamento formativo ao convidar o leitor a experienciar a palavra como espaço de afeto, silêncio e reflexão, favorecendo processos de autoconhecimento, empatia e compreensão da complexidade humana. Os achados interpretativos indicam que a literatura, ao operar na tensão entre palavra e afeto, configura-se como experiência formativa relevante no campo educacional, especialmente para a constituição ética e sensível do sujeito.

Palavras-chave: Literatura e formação humana; Linguagem literária; Memória afetiva; Formação ética; Bartolomeu Campos de Queirós.

ABSTRACT

This article analyzes *Vermelho Amargo*, by Bartolomeu Campos de Queirós, through the articulation of literary language, affective memory, and subjective constitution. It is based on the understanding that literature constitutes a privileged space for the symbolic elaboration of the human condition, especially with regard to pain, loss, and the ethical constitution of the subject. Qualitative in nature and interpretative in character, the study conducts a textual and hermeneutic analysis of the work, drawing on contributions from literary theory, philosophy of language, and education. The analysis demonstrates that the narrative of *Vermelho Amargo* produces a formative displacement by inviting readers to experience language as a space of affection, silence, and reflection, fostering processes of self-knowledge, empathy, and understanding of human complexity. The interpretative findings indicate that literature, by operating within the tension between word and affect, constitutes a relevant formative experience in the educational field, particularly for the ethical and sensitive constitution of the subject.

Keywords: Literature and human formation; Literary language; Affective memory; Ethical formation; Bartolomeu Campos de Queirós.

¹ Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Leonardo Da Vinci (Paraguai) mestre em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha (UVV). Possui especialização em Psicopedagogia e formação superior em Pedagogia, Letras Língua Portuguesa e Letras Língua Inglesa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1086-8714>

1. INTRODUÇÃO

A literatura ocupa um lugar singular nos processos formativos por possibilitar ao sujeito o contato com experiências humanas que ultrapassam o plano informativo e alcançam dimensões éticas, afetivas e existenciais. Diferentemente de discursos pedagógicos normativos, a linguagem literária opera por meio da ambiguidade, da metáfora e do silêncio, convocando o leitor a um exercício de interpretação sensível e reflexiva. Nessa perspectiva, a literatura contribui para a formação humana ao permitir a elaboração simbólica da experiência, sobretudo da dor e da memória, aspectos centrais da condição humana. Como sustenta Bakhtin (2011), a palavra literária é sempre valorada e responsiva, produzindo sentidos que emergem da relação entre linguagem, alteridade e responsabilidade.

Em diálogo com essa concepção, Biesta (2021) afirma que a educação formativa não se reduz à aquisição de competências, mas envolve a constituição do sujeito em relação ao mundo comum, processo no qual a literatura desempenha papel fundamental. Essa perspectiva encontra ressonância no recente 'giro afetivo' (Affective Turn) nos estudos literários, que, conforme Ahern (2024), reposiciona o afeto como categoria central para a crítica e a formação ética, distanciando-se de abordagens meramente cognitivas.

No campo educacional, a leitura literária tem sido compreendida como experiência de formação capaz de favorecer a empatia, o reconhecimento da alteridade e a reflexão ética. Ao conferir forma simbólica a experiências de sofrimento, perda e afeto, a literatura possibilita ao leitor não apenas compreender o outro, mas também revisitar a própria experiência humana. Hannah Arendt (2011) destaca que educar significa introduzir os novos em um mundo comum, o que implica responsabilidade com a palavra e com o outro.

Nessa mesma direção, estudos contemporâneos reforçam que a formação ética demanda espaços educativos que articulem sensibilidade, linguagem e reflexão crítica, especialmente em contextos marcados por fragilização dos vínculos humanos (Biesta, 2021; Nussbaum, 2013). A literatura, ao operar na tensão entre palavra e afeto, é reconhecida como um dispositivo privilegiado para a formação do sujeito, ao promover experiências de leitura que articulam pensamento e responsabilidade imaginativa (Ahern, 2024; Varutti, 2023).

É nesse horizonte que se insere a obra *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós. O romance constrói uma narrativa marcada pela memória da infância, pela dor da perda materna e pela densidade afetiva da linguagem, mobilizando uma escrita econômica e profundamente poética. A palavra, nesse contexto, não apenas narra, mas fere, silencia e forma, configurando-

se como espaço de elaboração simbólica da experiência humana. Conforme observa Candido (2011), a literatura humaniza porque nos permite viver outras vidas e compreender a complexidade do humano. Estudos recentes têm reafirmado essa compreensão ao destacar que narrativas literárias centradas na memória e no afeto favorecem processos formativos ligados à empatia, à autorreflexão e à constituição ética do sujeito leitor (Biesta, 2021; Perinelli, 2024). Desse modo, *Vermelho Amargo* apresenta-se como obra potente para pensar a relação entre palavra, dor e formação do sujeito no contexto educacional.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar de que modo *Vermelho Amargo* articula linguagem literária, memória afetiva e dor na constituição da subjetividade, considerando suas implicações para a formação humana no campo da educação. Parte-se da compreensão de que a literatura, ao operar na tensão entre palavra e afeto, constitui-se como prática formativa essencial para uma educação comprometida com a sensibilidade, a ética e a complexidade da experiência humana, conforme defendem tanto autores clássicos da crítica literária quanto abordagens contemporâneas da filosofia da educação (Candido, 2011; Biesta, 2021).

2. METODOLOGIA

A presente investigação insere-se no campo da pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa e caráter teórico-analítico, tendo como objeto de análise a obra *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós. O estudo fundamenta-se na compreensão da literatura como prática simbólica e formativa, capaz de produzir sentidos éticos, afetivos e existenciais no processo de constituição do sujeito. Por não envolver coleta de dados empíricos com participantes humanos, a pesquisa dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as diretrizes vigentes.

O percurso metodológico consistiu na leitura integral e sucessiva da obra, com atenção especial à construção da linguagem literária, à organização narrativa e aos efeitos de sentido produzidos pela articulação entre palavra, memória e afeto. A análise desenvolveu-se a partir de uma abordagem hermenêutica-dialógica, seguindo o princípio do círculo hermenêutico (Gadamer, 2004; Ricoeur, 2007). O procedimento consistiu em três etapas: 1) Leitura ingênua e identificação dos núcleos temáticos (memória, dor, afeto); 2) Análise estrutural e formal (economia discursiva, uso do silêncio, metáforas); e 3) Interpretação dialógica, na qual os achados textuais foram confrontados com o referencial teórico (Bakhtin, Biesta, Arendt), permitindo a refiguração da experiência narrativa em termos de implicação ético-formativa.

Ao longo do processo analítico, foram identificados núcleos temáticos recorrentes que estruturam a narrativa, especialmente aqueles relacionados à elaboração da dor, à memória afetiva da infância e à formação do sujeito por meio da palavra literária. A seleção dos excertos analisados privilegiou passagens em que a linguagem poética se apresenta como espaço de tensão entre silêncio e enunciação, evidenciando a dimensão formativa da obra.

A interpretação dos trechos não se limitou à análise do conteúdo narrativo, mas considerou os efeitos produzidos pela economia discursiva, pelas imagens evocadas e pela cadência do texto, compreendendo o leitor como partícipe ativo do processo de significação. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu articular literatura, educação e formação humana, enfatizando a potência da linguagem literária como mediadora de experiências éticas e afetivas no campo educacional.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura, enquanto forma simbólica de expressão humana, constitui-se como espaço privilegiado de elaboração da experiência, especialmente quando trata da dor, da memória e da constituição do sujeito. Longe de ser mero objeto estético, o texto literário mobiliza afetos, silêncios e sentidos que atravessam o leitor, convocando-o a um exercício de escuta e interpretação ética. Nessa perspectiva, Candido (2011) sustenta que a literatura humaniza porque permite ao sujeito viver outras experiências e ampliar sua compreensão do humano. Tal compreensão dialoga diretamente com Nussbaum (2013), para quem a literatura exerce papel central na formação moral ao desenvolver a imaginação empática e a sensibilidade ética, dimensões indispensáveis à educação contemporânea. Assim, ao articular emoção e reflexão, a literatura torna-se espaço formativo no qual o sujeito é convidado a confrontar sua própria vulnerabilidade.

É nesse horizonte que se inscreve a obra *Vermelho Amargo*, cuja linguagem poética constrói uma narrativa atravessada pela memória da infância, pela dor da perda e pela delicadeza do afeto. A palavra, no romance, não se limita a narrar acontecimentos, mas funciona como lugar de elaboração simbólica da experiência traumática, em que o silêncio, a economia discursiva e a imagem assumem centralidade. Essa concepção de linguagem aproxima-se da noção bakhtiniana de palavra valorada, segundo a qual todo enunciado carrega uma posição ética e responsiva no mundo (Bakhtin, 2011). Em diálogo com essa visão, Biesta (2021) afirma que a educação verdadeiramente formativa ocorre quando o sujeito é interpelado a existir no mundo

de forma adulta, assumindo responsabilidade pelo que diz e sente. Em *Vermelho Amargo*, essa interpelação se dá pela palavra literária, que fere, silencia e, ao mesmo tempo, forma.

A memória, elemento estruturante da narrativa, não se apresenta como simples recordação factual, mas como reconstrução afetiva da experiência vivida. A infância narrada é atravessada por marcas de ausência e dor que se inscrevem no corpo e na linguagem, revelando a complexidade do processo de constituição subjetiva. Ricoeur (2007) já indicava que a memória é sempre mediada pela narrativa, sendo reconfigurada no ato de contar. Essa concepção encontra eco em estudos contemporâneos que ressaltam o papel da narrativa literária na elaboração simbólica do sofrimento e na constituição da identidade (Perinelli, 2024). Ao permitir que o leitor acesse uma memória marcada pela dor, *Vermelho Amargo* promove um encontro ético com a fragilidade humana, ampliando a compreensão de si e do outro.

No campo educacional, essa dimensão formativa da literatura assume relevância particular, sobretudo em contextos marcados pela instrumentalização do ensino e pela redução da linguagem a funções utilitárias. Hannah Arendt (2011) afirma que educar é introduzir os novos em um mundo comum, o que exige responsabilidade com a palavra e com a experiência humana compartilhada. Em consonância, pesquisas recentes destacam que práticas educativas que incorporam a literatura favorecem o desenvolvimento da sensibilidade ética ao promover reflexão, empatia e reconhecimento da alteridade (Biesta, 2021; Cui; Zhao, 2024). A leitura de *Vermelho Amargo*, nesse sentido, ultrapassa o campo da fruição estética e se configura como experiência formativa, capaz de contribuir para a constituição de sujeitos sensíveis, reflexivos e eticamente implicados com o mundo.

Assim, ao articular linguagem literária, memória e dor, *Vermelho Amargo* evidencia a potência da literatura como experiência formadora no campo educacional. A obra confirma que a palavra literária, ao mesmo tempo em que expõe a vulnerabilidade humana, cria condições para a elaboração ética da experiência, convidando o leitor a um processo de formação que não se dá pela instrução, mas pelo encontro sensível com a complexidade da existência. Tal compreensão reforça a necessidade de reconhecer a literatura como elemento central na educação contemporânea, especialmente na formação de sujeitos capazes de escutar, sentir e responder ao outro no mundo comum.

4. RESULTADOS INTERPRETATIVOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados derivam de uma análise textual interpretativa de *Vermelho Amargo*, compreendida como investigação qualitativa do corpus literário, na qual se identificam recorrências temáticas, operações de linguagem e movimentos de constituição do sujeito no interior da narrativa. Em estudos literários, tais resultados não se configuram como mensurações, mas como achados analíticos que emergem da leitura orientada por categorias, permitindo explicitar como a obra organiza sentidos e produz efeitos formativos no leitor e no sujeito narrativo (Bakhtin, 2011; Biesta, 2021). Nesse enquadramento, a obra é tratada como espaço de elaboração da existência humana, no qual a linguagem se torna forma de pensamento e ética, deslocando a leitura da esfera do “gosto” para o campo da interpretação rigorosa (Candido, 2011; Nussbaum, 2013).

4.1 A palavra como experiência ética: dizer, ferir e responder

O primeiro resultado indica que a palavra, em *Vermelho Amargo*, funciona como experiência ética, porque não descreve apenas o vivido, mas o reinscreve em forma, ritmo e silêncio, tornando visível que toda linguagem é posicionada e responsiva. Essa compreensão fundamenta-se na concepção de Bakhtin (2011), para quem todo enunciado implica responsabilidade, já que falar é sempre responder e antecipar respostas. Ao mesmo tempo, a obra aproxima-se da defesa contemporânea de que a educação e a formação do sujeito se produzem quando ele é interpelado a responder pelo que diz e faz no mundo, e não apenas a expressar-se sem consequência (Biesta, 2021; Nussbaum, 2013). Assim, o romance produz um efeito formativo ao expor que a palavra pode ferir, mas também pode abrir um caminho de elaboração e responsabilidade.

Esse movimento se intensifica quando a narrativa organiza uma linguagem de alta densidade afetiva, na qual o sentido parece nascer do que se insinua mais do que do que se declara. A palavra, em *Vermelho Amargo*, não é instrumento neutro, mas matéria de vida, marcada por dor e memória, o que desloca o leitor para um lugar de escuta e implicação. Um exemplo claro dessa economia discursiva e da potência do silêncio é a passagem: “A palavra é um bicho que come a gente por dentro. E a gente não tem onde se esconder” (Queirós, 2018, p. 45). Essa metáfora da palavra como 'bicho' que fere e consome sustenta a tese de que a linguagem literária opera na tensão entre enunciação e silêncio, configurando-se como espaço de elaboração

simbólica da experiência traumática. Esse funcionamento dialoga com a ideia de humanização literária, na qual o texto amplia a experiência do humano ao oferecer formas sensíveis de compreender a realidade (Candido, 2011; Arendt, 2011). Em chave contemporânea, tal efeito converge com leituras que reconhecem a literatura como espaço de formação moral e imaginação ética, capaz de produzir compreensão profunda do sofrimento e do outro (Nussbaum, 2013; Biesta, 2021).

4.2 Memória e dor: a narrativa como reconstrução do vivido

O segundo resultado aponta que a memória, em *Vermelho Amargo*, não opera como reconstituição fiel do passado, mas como trabalho narrativo que reorganiza a dor, conferindo-lhe forma e inteligibilidade. Essa dimensão é coerente com Ricoeur (2007), para quem narrar é refigurar a experiência, transformando o vivido em trama interpretável. A dor da perda materna, por exemplo, é refigurada não como evento, mas como marca sensorial e cromática: “A cor vermelha era a cor da saudade. Uma saudade amarga que não passava” (Queirós, 2018, p. 12). A recorrência dessa imagem cromática demonstra como a narrativa transforma a experiência íntima em linguagem estética, deslocando a dor do âmbito privado para uma inteligibilidade compartilhável. A obra demonstra que recordar é também sofrer de novo, mas sofrer de outro modo, porque o sofrimento se torna linguagem e, portanto, passível de elaboração simbólica (Arendt, 2011; Nussbaum, 2013). Assim, a memória surge como lugar de formação do sujeito, não como acervo, mas como processo.

Essa memória narrada é atravessada por uma poética da falta, na qual o que dói aparece tanto pelo que é dito quanto pela arquitetura do silêncio. A dor não é apenas tema, mas método de escrita, o que exige do leitor uma atenção interpretativa que ultrapassa o enredo e se volta para a forma. A abordagem de Bakhtin (2011) ajuda a compreender esse ponto, pois permite ler o texto como campo de vozes e valores, em que o sujeito se constitui na tensão entre dizer, calar e responder. Em diálogo, a educação centrada no mundo proposta por Biesta (2021) ilumina o modo como a obra forma um leitor mais adulto, não no sentido de idade, mas no sentido ético, capaz de suportar complexidade e responder com responsabilidade ao que lê e ao que vive (Arendt, 2011; Biesta, 2021).

4.3 Afeto, infância e formação do sujeito: entre fragilidade e potência

O terceiro resultado evidencia que o romance constrói a infância não como idealização, mas como território de formação em que afeto e dor se entrelaçam, produzindo um sujeito marcado pela vulnerabilidade. Essa perspectiva rompe com leituras sentimentalizadas e aproxima-se da compreensão de que a formação humana envolve exposição ao mundo e aos seus conflitos, e não proteção absoluta contra o real. Arendt (2011) sustenta que educar é introduzir os novos no mundo comum, e isso implica reconhecer que o mundo é complexo e, por vezes, duro. Em chave contemporânea, Nussbaum (2013) reforça que a educação e a literatura podem formar a sensibilidade ética justamente por confrontarem o sujeito com sofrimento e injustiça, sem oferecer respostas fáceis, mas exigindo imaginação moral.

A obra produz, portanto, a percepção analítica de que a constituição subjetiva ocorre em zonas de ambivalência: o afeto não elimina a dor, e a dor não impede a possibilidade de sentido. É nessa ambivalência que a linguagem literária se torna formativa, porque convida à interpretação e ao julgamento ético, e não apenas à identificação emocional. Candido (2011) fornece a base para compreender essa dimensão humanizadora, pois a literatura apresenta a complexidade humana sem reduzi-la a moralismos. Biesta (2021), por sua vez, ajuda a ler esse processo como formação para a vida adulta no mundo, já que o sujeito se constitui ao aprender a responder ao que o atravessa, em vez de buscar apenas proteção ou explicação (Arendt, 2011; Biesta, 2021).

4.4 Linguagem literária e complexidade: quando a forma produz pensamento

Outro achado interpretativo relevante é que a forma literária em *Vermelho Amargo* produz pensamento, isto é, o romance não apenas “comunica” uma história, mas pensa por imagens, ritmo e densidade verbal. Essa constatação desloca a análise para o modo como a linguagem organiza uma experiência de leitura em que o sentido não é dado, é construído na relação entre texto e leitor. Em Bakhtin (2011), o sentido emerge do encontro dialógico entre vozes e posições, e essa chave permite compreender como o romance convoca o leitor a participar do trabalho de significação. Em continuidade, Nussbaum (2013) reforça que a literatura educa moralmente porque exige julgamento, atenção e imaginação, formando uma racionalidade sensível que não se reduz a técnica.

Essa exigência interpretativa também pode ser lida como exercício formativo de responsabilidade com a palavra, pois ler um texto denso implica suportar a incerteza, acolher a

ambiguidade e resistir ao impulso de simplificação. Arendt (2011) chama atenção para o compromisso com o mundo comum, e esse compromisso passa pela recusa de leituras apressadas e pela disposição de compreender o humano em sua pluralidade. Em Biesta (2021), a educação centrada no mundo implica justamente essa aprendizagem de “estar no mundo” sem instrumentalizá-lo, aceitando que o sentido é sempre parcial, situado e exigente. Assim, a obra se mostra potente para uma formação ética porque ensina a complexidade como valor (Bakhtin, 2011; Biesta, 2021).

Essa disposição interpretativa aproxima-se da noção de pensamento crítico entendida como prática reflexiva orientada por critérios, autoconsciência e responsabilidade intelectual, conforme sistematizam *The miniature guide to critical thinking* ao defenderem que pensar criticamente implica examinar pressupostos, avaliar sentidos e sustentar julgamentos de forma consciente e ética (Paul; Elder, 2019).

4.5 Implicações para a formação: a literatura como dispositivo formativo

Os resultados da análise permitem sustentar que *Vermelho Amargo* pode ser compreendido como dispositivo formativo no campo educacional, não por transmitir lições, mas por criar condições de reflexão ética e reconhecimento do outro. Candido (2011) já indicava que a literatura tem função humanizadora por organizar afetos e ampliar a experiência do sujeito, tornando-o mais apto a compreender o humano. Arendt (2011) reforça que a educação envolve responsabilidade com o mundo, o que implica formar sujeitos capazes de lidar com pluralidade e sofrimento sem negar a realidade. Em continuidade contemporânea, Biesta (2021) sustenta que a formação acontece quando o sujeito é chamado a existir no mundo de forma adulta, respondendo eticamente, e a literatura pode operar como gatilho dessa interpelação (Biesta, 2021; Nussbaum, 2013).

Além disso, a obra oferece um terreno privilegiado para pensar a relação entre palavra e afeto, pois apresenta a linguagem como lugar onde a dor se elabora e se transforma. Essa elaboração não é terapêutica no sentido banal, mas epistemológica e ética: o texto mostra como o sujeito se constitui por narrativas e como a linguagem pode reorganizar a experiência, sem apagá-la. Ricoeur (2007) é fundamental para sustentar que narrar é refigurar a vida, tornando o vivido interpretável, e Bakhtin (2011) permite compreender que essa refiguração é sempre dialogal e valorada. Em diálogo, Nussbaum (2013) aponta que a leitura literária forma capacidades morais

ao educar a atenção ao particular, ao concreto, ao doloroso, convertendo a estética em exercício ético (Ricoeur, 2007; Nussbaum, 2013).

4.6 Síntese interpretativa dos achados

Em síntese, os resultados indicam que *Vermelho Amargo* constrói uma ética da palavra, na qual linguagem, memória e dor formam um núcleo interpretativo decisivo para compreender a formação do sujeito. A palavra fere porque nomeia e expõe, mas também forma porque reorganiza a experiência, produzindo responsabilidade e densidade humana. Essa síntese se ancora na concepção de responsividade e valor na linguagem (Bakhtin, 2011) e na ideia de que educar é introduzir os novos no mundo comum, não em um mundo idealizado, mas em um mundo real, plural e exigente (Arendt, 2011). Em chave contemporânea, Biesta (2021) e Nussbaum (2013) permitem afirmar que a literatura, ao convocar atenção, julgamento e imaginação moral, favorece uma constituição ética e madura, justamente porque não simplifica o humano, mas o apresenta em sua complexidade.

5. CONCLUSÃO

A leitura de *Vermelho Amargo* evidencia que a constituição do sujeito narrativo se dá no atrito entre palavra e afeto, isto é, entre o que pode ser dito e o que insiste como resto sensível do vivido. Ao organizar a memória como matéria estética, a narrativa não apenas representa a dor, mas também a reconfigura em forma, deslocando-a do âmbito privado para uma inteligibilidade compartilhável, própria do literário. Nesse sentido, o romance confirma a função humanizadora da literatura, na medida em que transforma a experiência íntima em linguagem capaz de produzir reconhecimento e elaboração.

Do ponto de vista formativo, a obra sugere que o afeto não é um “tema” acessório, mas um modo de conhecimento, pois a memória narrada produz aprendizagem ética ao convocar o leitor a habitar zonas ambíguas da vida humana, onde convivem fragilidade, perda e necessidade de sentido. A literatura, nesse horizonte, atua como exercício de responsabilidade imaginativa: não oferece respostas prontas, mas educa para o julgamento, para a escuta e para a atenção ao outro, valores centrais em uma educação comprometida com democracia e sensibilidade pública.

A análise também permite afirmar que *Vermelho Amargo* se inscreve em uma tradição de narrativas de memória nas quais o passado não é reconstituído como registro neutro, mas como

trama de vozes e marcas subjetivas. A narrativa confirma que lembrar é sempre reorganizar, selecionar e interpretar, e que essa operação não é apenas psicológica, mas cultural, atravessada por vínculos, silêncio e linguagem. Nesse ponto, a leitura literária se aproxima de práticas de letramento literário que valorizam a dimensão subjetiva do encontro com o texto e a construção de sentidos ancorada no vivido.

Como contribuição, este estudo mostra que a potência do romance está menos em “explicar” a dor e mais em fazê-la circular como forma sensível, mobilizando uma pedagogia da delicadeza e da complexidade humana. Como limites, reconhece-se que a interpretação aqui proposta prioriza a dimensão ético-formativa da narrativa, podendo ser ampliada por análises narratológicas mais detalhadas, por comparações com outras obras memorialísticas do autor e por estudos de recepção em contextos escolares. Como agenda de pesquisa, recomenda-se investigar experiências didáticas de leitura de Bartolomeu Campos de Queirós no Ensino Fundamental e na EJA, articulando círculo de leitura, escrita responsiva e diários de leitura, conforme indicam estudos recentes no campo do letramento literário.

Conclui-se, portanto, que *Vermelho Amargo* oferece um modelo de constituição humana pela linguagem em que a palavra não domestica o afeto, mas o torna pensável, comunicável e eticamente produtivo. Ao fazer da memória um espaço de elaboração estética, o romance ensina que a educação do sensível é uma via legítima de humanização e de formação ética, especialmente quando a escola assume a literatura como experiência e não como mero conteúdo.

REFERÊNCIAS

- AHERN, Stephen. Affect theory and literary criticism. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 50, n. 3, p. 451–470, 2024.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BIESTA, Gert. **World-centred education: a view for the present**. London: Routledge, 2021.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CUI, Rui; ZHAO, Lin. Assessing students’ critical thinking in dialogue: development and validation of a rubric. **Journal of Intelligence**, Basel, v. 12, n. 11, p. 106, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/jintelligence12110106>.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PAUL, Richard; ELDER, Linda. **The miniature guide to critical thinking**: concepts and tools. Lanham: Rowman & Littlefield, 2019.

PERINELLI, Joseany Lunguinho Gomes. **Mediação de leitura literária na primeira infância**: um olhar sobre a prática docente na educação infantil. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32918>. Acesso em: 02 jan. 2025.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. 3. ed. Porto Alegre: MGE, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

VARUTTI, Marzia. The affective turn in museums and the rise of emotional heritage. **International Journal of Heritage Studies**, London, v. 29, n. 1, p. 1–16, 2023.